

## **SKATE SOCIABILIDADE E CONSUMOS NO LAZER: A PERCEPÇÃO DO LÍCITO E ILÍCITO**

**Recebido em:** 07/09/2015

**Aceito em:** 19/01/2016

*Heloisa Heringer Freitas  
Anna Carolina Martins Cassani  
Gelsimar Jose Machado*

*Liana Abrao Romera*  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Vitória – ES – Brasil

**RESUMO:** Este estudo analisa práticas corporais desenvolvidas no litoral capixaba, elegendo o skate como modalidade de lazer vivenciada por uma parcela de jovens. O objetivo foi o de conhecer as percepções de skatistas sobre tal prática e as possíveis relações com o consumo de substâncias lícitas e ilícitas na vivência da modalidade. Trata-se de pesquisa exploratória de campo com abordagem qualitativa desenvolvida por meio de observação não participante, utilizando diários de campo e entrevistas semiestruturadas com dezenove skatistas. Foi detectado maior consumo de álcool em comparação ao uso de outras drogas, muito embora a maconha exerça a função socializante que outros grupos ainda atribuem à bebida.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Adolescent. Usuários de Drogas.

### **SKATEBOARD'S SOCIABILITY CONSUMPTIONS AND LEISURE: THE PERCEPTION OF LICIT AND ILLICIT**

**ABSTRACT:** The study aims to analyze physical activities in the coastal area of Espírito Santo and elected skateboard as a leisure activity experienced by a group of young people which intent to know the skateboarders' perceptions about the practice and the possible relations with the use of licit and illicit substances in the experience of the sport. This is an exploratory research using qualitative approach through non-participant observation by using field diaries and semi-structured interviews with 19 skateboarders. It was detected higher alcohol consumption compared with marijuana use, although marijuana plays a role of socialization with peers than other groups that drink alcohol drinks to socialize.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Adolescent. Drug Users.

### **Introdução**

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou conhecer, entre práticas culturais e vivências corporais no litoral capixaba, aquelas mais ligadas às

manifestações do público jovem, desenvolvidas em espaço específico da orla marítima, destacando as percepções desse grupo acerca do consumo de drogas e as possíveis relações desses usos com a vivência do lazer.

O estado do Espírito Santo, localizado na costa brasileira, conta com imenso número de praias que representam importante espaço de vivência de diferentes modalidades de lazer, especialmente aquelas relacionadas às práticas corporais, desenvolvidas por distintos grupos sociais frequentadores das praias capixabas, o que fomenta a sociabilidade nesses espaços. Inicialmente os espaços da orla selecionados para este estudo foram o calçadão e a água, porém, em virtude das características do espaço pesquisado, observou-se que as práticas corporais no meio aquático (surfe, *kitesurf* e outros) não eram frequentes, possivelmente por causa da ausência de ondas daquela região específica. A constatação de tal fato teve como reflexo o redirecionamento das observações para os espaços areia e calçadão, uma vez que nesses locais foi constatado maior fluxo de praticantes de modalidades esportivas. Nesse sentido, foram selecionadas como práticas de destaque o *skate* no calçadão e o *slackline* na areia, sendo que neste artigo trataremos especificamente das questões relativas ao *skate*.

Os momentos de lazer são aqui compreendidos como espaço e tempo de manifestações sociais e culturais e, por isso, de significativa importância para estudar grupos, hábitos e consumo de uma determinada parcela da população: a juventude.

Dialogando com o tema, Romera (2008) destaca que a juventude é tomada por dois olhares antagônicos, por vezes compreendidos de um modo estigmatizante e, por outras, com uma compreensão romantizada.

Esse tipo de interpretação compreende essa importante fase “[...] como a época de total alegria e despreocupação relativa às obrigações da vida adulta, marcada por

festas, encontros, passeios e namoros” (ROMERA, 2008, p. 30). E o oposto ao olhar romântico surge pelo estigma sobre os jovens, quando esses indivíduos são relacionados a “[...] envolvimento com brigas, drogas, violência, vandalismos, atos irresponsáveis e desrespeitosos” (ROMERA, 2008, p. 30). Essa visão preconcebida da juventude contribui para o fortalecimento de estigmas de certos grupos de jovens e pode ter resultado negativo, sem que se considere a juventude em sua concretude.

Em consonância com essa ideia, o lazer torna-se um grande facilitador para a formação da identidade da juventude. Abramo (1994) argumenta que é no campo do lazer que os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experimentam situações que se concretizam em ajuda para estes estruturarem suas novas referências e identidades. É por meio das atividades de lazer e de tempo livre que se pode notar a dinâmica sociocultural da vida juvenil.

A valorização do lazer como oportunidade de sociabilidade da juventude é também defendida por Magnani (2007), que pensa essa questão em razão de seus espaços facilitarem o encontro, quando os jovens estabelecem relações de troca.

O lazer, em todo seu tempo-espço, pode ser um elemento de liberdade de escolha, um campo potencial de construção de relações e inserções afetivas na sociedade. É ainda possível pensar que o lazer proporciona uma condição para a aprendizagem das relações sociais por todo seu contexto de experimentação. De acordo com Carrano (2003, p. 143), “[...] é na perspectiva desse diálogo social que as práticas de lazer se afirmam como redes relacionais decisivas para a elaboração das identidades urbanas da juventude”.

Nesse sentido, Caldwell e Faulk (2013) apontam o paradoxo do lazer, que pode tanto contribuir para o desenvolvimento, promovendo saúde e bem-estar, como também representar um contexto para o comportamento de risco e abuso de substâncias. Não

obstante, a vivência do lazer na atualidade vem se configurando por um comportamento caracterizado pelo consumo, apresentando o lazer a possibilidade de ser ambivalente e multiforme.

Ainda de acordo com essa ideia, o lazer também é fundamental para a formação da identidade da juventude, que se dá “[...] a partir das situações vivenciadas, considerando suas experiências, percepções e atuações no grupo” (GARCIA; ARAGÃO; MEZZARROBA, 2012, p. 56).

Parker, Aldriedge e Measham (1998) acentuam que os jovens entendem o lazer como uma oportunidade para a expressão mais autônoma de suas identidades e preferências. Nesses momentos os jovens se sentem livres para expressar-se mais aberta e honestamente, sem as pressões e coação de família, escola e tradições. Essas características se agrupam também em identidades coletivas e são vistas pela sociedade nas relações sociais entre o grupo e do grupo para além dele, apresentando sentidos aos comportamentos e estilos de vida criados por meio dessa integração.

Neste estudo, a prática do *skate* foi compreendida como o estilo de vida de uma parcela da juventude que contribui para a construção da identidade coletiva dos participantes dentro de tal espaço: suas relações com a modalidade esportiva e com as outras pessoas, que convivem e usufruem “[...] de uma prática em comum sem a preocupação ou compromisso com algo além daquele espaço, pois é um tempo de [...] aceitação do outro do jeito que ele é” (GARCIA; ARAGÃO; MEZZARROBA, 2012, p. 71). Entendemos que as características próprias dos indivíduos e aquelas adquiridas por meio dessas relações atuam na construção da identidade do grupo e consolidam a sua existência. Para Duff ,

[...] a identidade juvenil é socialmente construída mediante diferentes padrões de consumo. [...] O uso de drogas emerge como um elemento

representativo, como meio de criar e recriar um senso de identidade (DUFF, 2003, p. 436, tradução nossa).

O crescente interesse pela vivência de diferentes práticas corporais representa uma forma de ocupação do tempo disponível, reflete os interesses culturais dessa parcela da juventude, seus anseios e buscas.

Nesse sentido, Elias e Dunning (1992, p. 107) consideram o lazer uma necessidade do ser humano. Dentro do quadro do tempo livre (que engloba trabalho privado; administração familiar; repouso; provimento das necessidades biológicas; sociabilidade) estão também as atividades de lazer caracterizadas como “[...] uma ocupação escolhida livremente e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo”.

Pais (1990, p. 591) observa que as atividades de lazer são, cada vez mais, parte da cultura juvenil, afirmando que “quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar”. Para o sociólogo português, a juventude e o lazer representam questões intrinsecamente relacionadas.

A discussão sobre juventude pode ser construída também pela análise de sua relação com o lazer referente ao consumo, compreendido de modo restrito à aquisição de bens materiais. É perceptível nessa relação que “[...] a cultura do consumo tem um espectro mais amplo que o acesso efetivo a itens de consumo” (TASCHNER, 2000, p. 46), visto que esse “[...] é um mecanismo social percebido pelas ciências sociais como produtor de sentido e de identidades, independentemente da aquisição de um bem” (BARBOSA; CAMPBELL, 2006, p. 26).

Felix (2003) aborda essa questão entendendo o processo histórico do lazer. A partir da constituição da sociedade moderna, resultante das transformações da Revolução Industrial, o lazer tornou-se uma ocupação do tempo livre para os que estavam no mundo do trabalho. Contudo, por meio dessa sociedade,

[...] o lazer incorporou-se no processo de produção, traduzindo-se numa necessidade, tanto em termos da prática direcionada para o aproveitamento do tempo livre quanto – e conseqüentemente – em relação ao consumo. Desse modo, possibilitou a exaltação dos desejos, dos anseios e das necessidades, aliado ao consumo (FELIX, 2003, p. 51).

Taschner também (2000, p. 46) afirma que o consumo de maneira geral durante o tempo de lazer encontra-se menos relacionado à aquisição de bens e “mais e mais, ao consumo de sensações”. Brain<sup>1</sup> (apud Duff, 2003) argumenta que sociedades de consumo são fortemente dependentes de estímulo de desejo e de necessidade, e esse fenômeno gera uma maior procura por sensações e excitações, o que por consequência produz identidades de consumo.

Essa crescente busca por consumir sensações em nossa sociedade é motivada, segundo Elias e Dunning (1992), por um progressivo e rigoroso controle das emoções, que gradativamente reduziu as situações e contextos em que as pessoas pudessem liberar publicamente seus sentimentos sem se preocuparem com a reação da sociedade.

À medida que o autocontrole desempenha um papel importante na organização estrutural das sociedades contemporâneas, percebe-se que o lazer passa a representar a possibilidade de fuga desse quadro determinado, torna-se socialmente permitido desfrutar de intensas explosões de excitação nesses momentos, uma “regressão social autorizada”. Na concepção de Elias e Dunning (1992), o lazer está intimamente ligado à necessidade do indivíduo de equilibrar as tensões que normalmente teria que guardar para si. As atividades de lazer permitem que o indivíduo demonstre sua excitação publicamente, ainda que de maneira controlada, representando assim um espaço social permitido para tais manifestações.

---

<sup>1</sup> BRAIN, K. **Youth, Alcohol and the Emergence of the Post-Modern Alcohol Order**, Occasional Paper Number 1, London: The Institute of Alcohol Studies, 2000.

Nessa mesma perspectiva, Le Breton (2009) argumenta que as sensações assim experimentadas são tão procuradas quanto mais o resto da vida for pacífico, tranquilo, protegido de todo imprevisto. Quando entregue somente aos seus recursos, o indivíduo experimenta o sentido de enfim pertencer-se, de oferecer a melhor parte de si mesmo, colocar-se em risco.

Para Elias e Dunning (1992), o risco é parte essencial das atividades de lazer e constitui com frequência parte integrante do prazer, muitas vezes advindo das tensões que o risco provoca. A tensão à qual Le Breton (2009), Elias e Dunning (1992) chamam de positiva coincide com aquelas buscadas em algumas práticas corporais vivenciadas no lazer, como *skate*, surfe, *slackline*, modalidades cujas características principais referem-se ao desafio dos obstáculos, rampas, manobras acrobáticas, modalidades de esporte que desafiam a gravidade, a velocidade, os limites individuais, entre outros.

Praticar essa modalidade de lazer significa, para essa parcela da juventude, uma oportunidade de fazer escolhas, construir relações e experimentar múltiplas possibilidades que contribuirão para a construção de si. Existe no lazer a chance de viver a autonomia concedida àquele tempo e espaço, os quais são menos encontrados nos demais contextos sociais.

A escolha do *skate* como eixo de análise foi justamente pela percepção da modalidade como uma prática da juventude, vivenciada por um número significativo de praticantes na orla capixaba. Essa juventude que, por meio de seu estilo de vida e comportamento, negou e continua negando a conotação negativa que lhe é imposta diante de preconceitos que a sociedade insiste em imprimir aos skatistas.

Enquanto representativo de uma prática cultural, o *skate* historicamente aparece vinculado à juventude, a movimentos de contestação – como a cultura *punk* e outras práticas corporais californianas das décadas de 1960 e 1970, também encontradas em

solo carioca, como o surfe. Desde o período citado, a prática do *skate* foi muito marginalizada, sendo seus praticantes tratados como “foras da lei”, sugerindo um processo de estigmatização dos skatistas, que àquele tempo eram tidos como baderneiros.

O processo de estigmatização é entendido como uma marca física ou social de conotação negativa que leva o seu portador à exclusão de algumas situações sociais. Goffman (1975, p. 5) considera que a sociedade elabora categorias para elencar as pessoas, além de estabelecer “[...] o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Segundo o autor, o estigma acontece quando há um choque de relações entre aquilo que é considerado normal e aquilo que é fora do padrão de normalidade da sociedade, portanto são criados estereótipos. O estigma sobre os skatistas se dá principalmente pela visão transgressora a eles atribuída, devido à construção histórica do *skate* na sociedade americana e sua herança trazida para o Brasil em meados da década de 1960.

Segundo Brandão (2011), o surgimento da prática do *skate* no Brasil esteve interligado aos anos da ditadura militar, período de repressão que atingiu diretamente a juventude e expôs seus ideais de vida.

Essa repressão resultou em um dos movimentos de contestação da juventude, chamada de “contracultura”, colaborando com o surgimento do movimento *punk*, cujas manifestações, de cunho social e cultural, “[...] fizeram com que muitos jovens confrontassem com o que entendiam por ‘sistema’, ou seja, os valores tradicionais da família, da religião, Estado, do capitalismo, etc.” (BRANDÃO, 2011, p. 104).

Ainda de acordo com Brandão (2011), o movimento *punk* foi caracterizado, além da contestação de valores tradicionais da sociedade, pelas vestimentas mais agressivas (como roupas pretas, coturnos, tatuagens). Os resultados desse contexto

influenciaram, de certa forma, na construção de um imaginário sobre juventude, vista então como a “escória da sociedade” (BRANDÃO, 2011, p. 106) e, conseqüentemente, como marginais e rebeldes. A prática do *skate* também foi atingida por esse imaginário, uma vez que ela oportunizava aos skatistas vivenciar sensações de liberdade não condizentes com a repressão da época: a adrenalina e o perigo, por exemplo, não faziam parte do cotidiano daquela sociedade que lhes era imposta.

Com relação aos aspectos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida por uma perspectiva descritiva, com abordagem qualitativa. Teve por característica a descrição interpretativa dos sujeitos e das situações envolvidas com o máximo de abrangência e detalhamento sobre os fatos e fenômenos investigados. O foco essencial esteve em conhecer os traços característicos do objeto, as pessoas envolvidas, o espaço, os valores, os problemas, entre outros (TRIVIÑOS, 1987).

Como técnica de pesquisa foi utilizada a observação não participante, caracterizada por “[...] utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar” (MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 111).

Após um período de observações, foi necessária a inserção das pesquisadoras com os skatistas, a fim de alcançar o objetivo da realização das entrevistas. Durante um período de aproximadamente seis meses, as pesquisadoras realizaram o exercício de aproximação com o grupo, com o intuito de tornarem-se do *pedaço*<sup>2</sup> e praticantes de *skate*. Após esse tempo, teve início a fase de entrevistas que foram do tipo semiestruturada, também utilizada como técnica para coleta dos dados, que assegura ao entrevistador as informações que lhe são necessárias (MARCONI; LAKATOS, 2007).

---

<sup>2</sup> O conceito de *pedaço*, proposto por Magnani (2000, p. 32), refere-se “[...] àquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”.

Para melhor apresentação e discussão dos dados, foram estabelecidos três eixos de análise: estigma, consumo e sociabilidade.

Foram realizadas dezenove entrevistas com jovens com idade entre 18 e 30 anos<sup>3</sup>, de ambos os sexos, com predominância do sexo masculino. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com consentimento dos entrevistados, cuja participação foi anônima e voluntária, depois de terem lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **Resultados e Discussões**

A amostra foi composta de dezenove skatistas de ambos os sexos que, de maneira espontânea, aceitaram participar da pesquisa. De modo geral, apresentaram aspectos semelhantes nas características sociodemográficas e nível de escolaridade. Os sujeitos da pesquisa abrangeram o quantitativo de 15 homens e 4 mulheres, com média de idade de 24 anos.

A intenção inicial era de entrevistar um número maior de skatistas; no entanto, a temática da droga demonstrou ser uma das dificuldades para que se pudesse alcançar o quantitativo esperado. Embora as entrevistadoras tenham conseguido se inserir no grupo, muitos praticantes não se sentiram à vontade para abordar o tema.

### **O Estigma Sobre os Skatistas**

Apresenta-se aqui uma das categorias de análise proposta: o estigma que essa prática corporal carrega, tanto quanto seus praticantes ainda revelaram sofrer preconceito por parte da sociedade.

---

<sup>3</sup> A pesquisa considerou um recorte etário próximo do estabelecido pela Proposta de Emenda à Constituição 138/03 aprovada em 2003, no entanto, pelo caráter do trabalho, somente foram entrevistados sujeitos maiores de 18 anos.

Esse estigma é conferido principalmente pela visão transgressora aos skatistas atribuída, em virtude da construção histórica do *skate* na sociedade americana e sua herança trazida para o Brasil em meados da década de 1960. Essa visão reforça uma ótica marginalizadora, tratando os participantes dessa modalidade como “foras da lei”.

Os entrevistados denunciaram sentir os preconceitos a eles relacionados, os praticantes de *skate*, muito embora tenham enfatizado perceber que, de modo lento e gradativo, os estigmas estejam diminuindo, bem como a associação que se faz entre a prática do *skate* e o consumo de drogas.

Ainda que percebam preconceitos, um dos skatistas ressalta:

Lá nos meados de 1980, era marginalizado e infelizmente até hoje é associado com drogas. Tinha que tá fumando maconha, senão não era o skatista do momento. Eu falo por mim: não precisei disso. Eu e mais uma renca foi malandro, foi inteligente, teve essa pegada. Mudou a época, depois chegou os anos 1990 e tal, a galera deu uma diferenciada nisso aí, mas infelizmente isso catou uns [...] (Entrevistado 19).

Outro entrevistado atribuiu a esse estigma certa injustiça, pois, segundo seus argumentos, o uso de drogas é disseminado e pode ser encontrado em diferentes ambientes:

Existe em qualquer lugar isso aí, não tem como você assimilar isso, entendeu? Eu comecei a usar, não foi a partir daí, ninguém me ofereceu, entendeu? Foi vontade própria [...]. Eu acho que não tem ligação, você vai encontrar em qualquer lugar, você vai encontrar até no restaurante mais caro do mundo (Entrevistado 9).

Pô, não é porque eu fumo e ando de *skate* que a culpa é do *skate*. Se eu fumo, a culpa é minha (Entrevistado 10).

Essa percepção e autorresponsabilização por parte do entrevistado é bastante interessante, uma vez que não é realmente a prática do *skate* que vai levá-lo ao uso de drogas, e sim suas escolhas individuais. Isso independe da modalidade praticada. Um

dos entrevistados revelou ter iniciado o uso de maconha durante a prática de *yoga* e não no *skate*, outro elemento que contribuiu para a desconstrução dos estigmas atribuídos ao *skate* e seus praticantes, além de sugerir que qualquer prática corporal pode estabelecer relação com o consumo de determinadas substâncias.

Adentrando a questão do uso de drogas na prática do *skate*, os entrevistados enfatizaram: é possível perceber que o uso das drogas está diretamente relacionado à questão da socialização dentro do grupo. A droga aparece como elemento de integração, e os aspectos negativos são pouco percebidos e explicitados. Pode-se então problematizar o consumo de drogas não como facilitador de desempenho na modalidade, mas como facilitador da sociabilidade dentro dos grupos onde ela é utilizada. A maconha representa para esses grupos o elemento socializador que o álcool representa para outros.

A maconha sociabiliza total, é uma droga que consegue ter esse poder de socialização da galera, sacou?! Isso é interessante, isso não é só do *skate* (Entrevistado 17).

Pode-se observar que os skatistas compreendem o uso da maconha com mais naturalidade e aceitação que o uso de outras drogas ilícitas, como a cocaína e o *crack*. As drogas compreendidas como mais pesadas são menos aceitas entre os praticantes de *skate*.

Uma possível explicação para o uso de drogas nos momentos de lazer, de acordo com Romera e Marcellino (2010), encontra-se nas características básicas das seguintes vivências: procura pela liberdade, expressão de emoções reprimidas e a obtenção de prazeres. No entanto, não é o lazer o responsável por tal conduta, e sim o ser humano e suas escolhas. Além disso, Duff (2003) argumenta que, o uso de drogas emerge como

uma das substâncias que jovens consomem como meio de criar e recriar um senso de identidade.

Romera e Marcellino (2010) também defendem que não se pode olhar para o usuário com preconceito, fragmentado, o que é tão comum em nossa sociedade. Há que se considerar suas especificidades e o contexto social no qual ele se insere, além das distintas e individualizadas razões de usos.

Durante o processo de entrevistas, os skatistas aproveitaram para esclarecer dúvidas e debater a respeito, por exemplo, sobre a possibilidade de a maconha levar ao uso de drogas mais fortes. Esse questionamento remete a um dos tabus constantemente fortalecidos acerca do uso da maconha e que, segundo Dumazedier (2003, p. 13), nunca foi comprovado. “Entretanto, o fato de fumar regularmente maconha põe o jovem em contato com os circuitos em que se vende maconha, e, por esse meio, ele pode ter contatos sociais, com traficantes de drogas mais pesadas” (DUMAZEDIER, 2003, p. 13). Estudos da área da saúde (RIBEIRO e LARANJEIRA, 2012) mostram que as possibilidades de alguém ser levado ao uso de outras drogas são mais prováveis pelo uso do álcool, e não necessariamente pelo uso da maconha.

Outra interpretação acerca desse tema, com base no campo da saúde, ressalta que o álcool é o propulsor de tal situação: “O consumo de álcool em excesso pelo adolescente traz várias consequências graves para a saúde, evidenciando-se que esta droga socialmente aceita é a porta de entrada para o consumo e o vício em outras drogas, ditas ilícitas” (CAVALCANTE; ALVES; BARROSO, 2008, p. 557).

Observou-se também um fator positivo: a recente inserção do *skate* entre os esportes radicais, fator que contribuiu para a diminuição do estigma a respeito dos praticantes. Isso se justifica pelo fato dessa prática ter passado pelo processo de esportivização e ter-se vinculado à promoção de marcas e produtos direcionados ao

público jovem e se transformado em instrumento de publicidade e sinônimo de juventude.

### **O Consumo de Drogas**

Com relação ao consumo, com ênfase para as drogas lícitas e ilícitas, dos 19 entrevistados, 10 afirmaram consumir bebidas alcoólicas, 2 afirmaram ser usuários de maconha, 4 consumiam as duas drogas e 3 nunca utilizaram essas e/ou outras drogas. Observou-se que, na percepção dos skatistas, o álcool passou a ser considerado droga, aparecendo como principal forma de uso pelos entrevistados (aproximadamente três quartos), haja vista que seu uso era tido como frequente e natural nos momentos de lazer.

Comparando os usos de drogas lícitas e ilícitas, observa-se que três quartos dos participantes da entrevista fazem uso de álcool e um terço faz uso de maconha, fato que suscita interessantes reflexões se forem considerados os estigmas imputados aos praticantes de *skate* como usuários generalizados de drogas ilícitas, quando o estudo aponta a menor porcentagem de usuários de maconha e maior número de usuários de bebidas, como ocorre em outros grupos de jovens.

Eu fumo maconha e só. Não gosto e não bebo nada alcoólico, só cerveja em rock, mas bem pouco. [...] Eu gosto de fumar quando eu tô de bobeira, os principais lugares são em praias, dependendo do vento. Dentro de casa eu não gosto muito não, não gosto de fumar sozinho. Eu acho legal trocar uma ideia, uma parada mais social. Não fumo todo dia, só quando tem algum evento mesmo, com a galera. Fumar é só uma complementação mesmo, depois, se tiver, pra tocar uma ideia (Entrevistado 16).

Na fala do entrevistado 16, observa-se uma contradição: “Não gosto e não bebo nada, só cerveja em rock [...]”. A cerveja é uma bebida alcoólica, muito embora a mídia, através das propagandas, tente abrandar essa percepção, quando na verdade cada cerveja leva um grau diferente de teor alcoólico, dependendo do fabricante.

De modo geral, mas não absoluto, a mídia exerce grande influência sobre a opinião pública acerca de bebidas alcoólicas, que são exaustivamente publicizadas, ocasionando a distorção de sua percepção como droga, mostrando a cerveja como uma bebida inofensiva.

Outro aspecto que confunde a percepção acerca do álcool como droga está no fato de tal bebida ser classificada como lícita e, portanto, permitida, de uso autorizado, amenizando, por vezes, a compreensão de seus impactos.

Nessa linha, o álcool é tido como substância lícita e insistentemente anunciado na mídia, nos espetáculos esportivos e culturais, construindo-se socialmente a falsa noção sobre o álcool, deixando-se de considerar os prejuízos que o consumo excessivo de tal substância pode promover.

De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) de 2012, evidências mostraram que uma maior renda *per capita* está relacionada com o aumento de consumo de álcool. Esse dado, fortalecido pelo grande crescimento econômico do Brasil nos últimos dez anos, torna o país um mercado promissor para a indústria do álcool. No mesmo relatório, houve uma comparação entre dados de consumo de bebidas alcoólicas por adulto (acima de 18 anos), levantado entre 2006 e 2012, e, além de um pequeno aumento no número de bebedores, foi constatado também uma ascensão significativa na regularidade de consumo semanal e quantidade de bebida ingerida em um dia de consumo habitual.

Sobre as drogas ilícitas, no II LENAD a maconha aparece com maior prevalência entre a população brasileira adulta em relação às outras substâncias.

Esses dados, aliados às contribuições dos entrevistados na presente pesquisa, mostram uma visão talvez equivocada, uma “generalização superficial” sobre os skatistas como usuários de drogas, especificamente o uso da maconha. O que foi

mostrado pelo levantamento contempla um modo de lazer da população brasileira adulta sem ter como foco grupos específicos, o que talvez nos leve a refletir sobre a carga de estigmas que os skatistas ainda carregam.

Na percepção do skatista, o entrevistado número 17, o consumo de álcool atrapalha a prática do *skate*, ao mesmo tempo em que os efeitos da maconha são relacionados à diminuição de atenção e concentração, de agilidade, porém os foram desconsiderados na fala do entrevistado:

Eu bebia bastante e no outro dia não conseguia andar de *skate*. Acho que foi esse um dos motivos que eu parei de beber, porque eu não tinha equilíbrio para andar, além do mal-estar (Entrevistado 17).

A afirmação anterior nos remete ao paradoxo do lazer anteriormente exposto por Caldwell e Faulk (2013), que esse espaço tanto pode ser um ambiente para o uso de substâncias como também motivador do não uso.

Eu bebo hoje em dia, mas não pra praticar, mas é muito raro. [...] Já fumei, eu fumei muitos anos, mas eu fumava antes do rolê. Tinha rolê que eu conseguia andar e outro que eu não conseguia andar. Às vezes eu fumava antes de sair de casa e até chegar na praça ou em algum lugar que eu ia andar, eu já dava uma brisada, começava o rolê e tal. Durante é f\*, senão você não anda, tem gente que anda. Conheço amigos que andam tranquilamente, amarradão (Entrevistado 18).

Não vou ser hipócrita e falar que eu não bebo, gosto de tomar meu vinho. Jamais envolvi isso no *skate* [...] ingerir álcool e andar de *skate* é pedir pra não ter equilíbrio e noção do que tá fazendo. Eu jamais corri pro lado errado e foi o *skate* que não deixou (Entrevistado 19).

Observou-se entre os entrevistados uma maior percepção sobre os riscos e efeitos do álcool em comparação com o uso da maconha, pois o consumo de bebidas alcoólicas aparece normalmente desvinculado à prática corporal ou com destaque para a percepção dos prejuízos de seus efeitos sobre a prática.

Para além dos pontos ressaltados sobre o estigma social evidenciado para com esse público, bem como sobre o consumo de drogas, a questão da sociabilidade foi enfatizada pelos entrevistados. De certo modo, o consumo de drogas pode ter significativa relevância sobre a sociabilidade. Porém, nesta pesquisa, o *skate* aparece como principal fator de sociabilidade entre seus praticantes.

### **O *Skate* como Elemento de Sociabilidade**

Em 2009, o Data Folha realizou um levantamento objetivando medir a penetração de praticantes de *skate* nos lares brasileiros, bem como obter o perfil desses jovens. Como resultado, verificou-se que havia mais de três milhões e oitocentos mil praticantes no país, havendo considerável predominância de indivíduos do sexo masculino (90%), com idade média de 16 anos. Trata-se de um esporte cuja prática tem início muito cedo, uma vez que 25% dos praticantes da pesquisa citada iniciaram na modalidade com 10 anos.

Os skatistas ressaltaram, com orgulho, os valores sociais que o *skate* cultiva, em especial a amizade diferenciada e desinteressada que estabelecem com os outros praticantes, transformando o grupo numa “irmandade”, além de ser para eles um estilo de vida. Fato que também é ressaltado por Galliano e Mayer (2013), ao afirmar que 46% dos participantes duma pesquisa realizada pelos mesmos, consideram esse esporte extremamente socializador e que, apesar de ser praticado individualmente, acaba por envolvê-los no círculo social do *skate*.

Referências aos laços de amizade que se estabelecem entre os praticantes é um dos elementos mais marcantes, os entrevistados atribuem importância às relações interpessoais criadas a partir da prática, uma forma distinta de sociabilidade, sendo a confiança e o companheirismo entre os skatistas as características que os diferenciam

dos outros grupos sociais dos quais participam. Elias e Dunning (1992) argumentam que as denominadas atividades de pura sociabilidade podem ser definidas como geradoras de tensões emocionais agradáveis e de formas descomprometidas de integração social.

No contexto de busca por tensões positivas e corroborando novamente com Elias e Dunning, na prática do lazer os indivíduos buscam realizar atividades que proporcionem maneiras agradáveis de excitação, expressão e realização individual. As atividades de lazer criam certa consciência de liberdade ao permitir uma fuga temporária das tensões da rotina cotidiana de trabalho e obrigações sociais.

Os skatistas retratam essa forma de fuga vivenciada por meio das sensações, como deslizar e realizar manobras pela cidade. Essas situações foram constantemente mencionadas como ações produtoras de um sentimento de liberdade, do poder esquecer-se de tudo. Tal sensação, aliada às constantes situações desafiadoras impostas pela realização das manobras ou de novos movimentos, produz o sentimento de superação e felicidade, especialmente quando alcançada com êxito. Le Breton (2009) explica o entusiasmo social pelas atividades físicas e esportivas de risco, mostrando que há uma valorização do prazer, das emoções, das sensações. Para o autor, a sociedade combate o risco, porém afirma que tal procura nutre uma intensidade de ser da qual carecemos, uma quebra de rotina da existência, uma tentativa de evasão. Assim também defendem Elias e Dunning (1992) sobre as sensações produzidas nas atividades de lazer.

As afirmações dos entrevistados enfatizam essa procura quando relacionam o êxito a uma manobra bem-sucedida.

*Skate é liberdade. Depois de um tempo você aprende a cair e levantar na marra, e levantar a cabeça, cai de novo e vai lá e acerta a manobra. E, depois que acerta a manobra, acabou; é a pessoa mais feliz do mundo. Não tem ninguém, mano! [...] E é assim, a superação, sacou? (Entrevistada 18).*

Cara, tem muita coisa, só que o que chama atenção é o desafio que o *skate* te proporciona, isso aí te ajuda até dentro de casa, te ajuda no meio da sua rapaziada, te ajuda a respeitar uma mulher, sua namorada (Entrevistado 19).

Os entrevistados relacionam os aprendizados construídos por meio da prática do *skate* com outros valores de vida que contribuem para a formação do modo como encaram e participam de situações sociais. Tais aprendizados não se limitam a técnicas das manobras e movimentos, ou incorporação do vocabulário ou vestimenta própria do grupo, mas avançam para questões relacionadas aos valores por eles mencionados: respeito, amizade e superação.

### **Considerações Finais**

O *skate* representa uma prática corporal urbana bastante influenciada pelos mecanismos da esportivização, fator que contribuiu para a diminuição e maior autocontrole sobre o consumo de drogas, especialmente com o surgimento de campeonatos e a necessidade de conquistar e manter patrocinadores.

O consumo de bebidas alcoólicas – bastante presente nos dados desta pesquisa com os skatistas – representa também uma preocupação em relação aos efeitos negativos (diminuição da atenção, concentração e agilidade) na prática e na realização de manobras desse esporte.

Essa percepção ratifica as afirmações de Caldwell e Faulk (2013), que apontam o paradoxo do lazer, espaço que por vezes contribui para o desenvolvimento, promovendo saúde e bem-estar, como também podendo representar um contexto para o comportamento de risco e abuso de substâncias ilícitas.

Foi verificado o consumo tanto da droga lícita quanto da ilícita no grupo estudado, porém de maneira controlada. Os praticantes destacaram a percepção acerca dos estigmas sociais sobre os skatistas, mas não relacionaram tal estigma ao uso de

drogas, e sim ao universo que envolve o *skate* de modo geral, percebendo a diminuição desse impacto nos últimos anos.

A dificuldade de acesso ao grupo não permite generalizações, não obstante sinalizem a compreensão construída sobre o movimento *skatista da orla capixaba*, bem como a percepção sobre o uso de drogas e seus impactos sobre a prática do *skate*. Entre tais percepções, mereceram destaque afirmações referentes ao uso de maconha como menos nocivo que o uso de álcool, que por sua vez prejudica o equilíbrio e a realização de manobras.

A compreensão dos skatistas acerca do álcool e da maconha pode contribuir para a construção de argumentos que subsidiem políticas de prevenção, já que se pode notar, na análise das entrevistas, que o uso de maconha é bastante naturalizado, funcionando como uma droga socializadora, sendo seus aspectos negativos pouco anunciados e percebidos pelos entrevistados.

Os skatistas ressaltaram um conjunto de valores vistos como um “código de ética”, citando o respeito que deve haver dentro do grupo. Nesse aspecto, a amizade foi apontada como um dos valores importantes inseridos nesse espaço, principalmente para os integrantes mais antigos do grupo, e o fortalecimento de laços de amizade representa elemento motivador para a entrada de novos integrantes.

Os aprendizados construídos por meio da prática do *skate* contribuíram para a formação do modo de encarar situações sociais, e o sentimento de superação foi citado como algo inerente a esse universo e levado para as demais esferas da vida social.

Essas evidências podem significar que o *skate*, assim como outras práticas corporais, não isenta seus participantes do consumo de substâncias lícitas ou ilícitas antes, durante ou depois da prática. Seria então possível afirmar que o consumo de

determinadas drogas (como as citadas pelos entrevistados) está presente entre práticas esportivas muito mais que se supõe.

Este estudo sugere a necessidade de mais incursões dentro do universo da juventude e suas práticas corporais, buscando avançar na compreensão da relação do uso de drogas e lazer que possibilite ainda subsidiar políticas de educação, de lazer e de prevenção.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRAIN, K. **Youth, Alcohol and the Emergence of the Post-Modern Alcohol Order**, Occasional Paper Number 1, London: The Institute of Alcohol Studies, 2000.
- BRANDÃO, L. **A cidade e a tribo skatista: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**. Dourados: Editora UFGD, 2011. 160p.
- CALDWELL, L. L.; FAULK, M. Adolescent leisure from a developmental and prevention perspective. In: FREIRE, T. (Ed.). **Positive leisure science**. London: Springer, 2013. p. 41-60.
- CARRANO, P. C. R. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAVALCANTE, M. B. P. T.; ALVES, M. D. S.; BARROSO, M. G. T. Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 555-559, 2008.
- DUFF, C. Drugs and youth cultures: Is Australia experiencing the “normalization” of adolescent drug use. **Journal of Youth Studies**, v. 6, n. 4, p. 433-46, 2003.
- DUMAZEDIER, J. As drogas e a revolução social do lazer. **Licere**, Belo Horizonte: UFMG, v. 6, n. 2, p. 11-19, 2003.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.
- FELIX, F. A. **Juventude e estilo de vida: cultura de consumo, lazer e mídia**. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- GALLIANO, L. M.; MAYER, S. M. **Motivos que levam os skatistas à prática do esporte: um estudo comparativo entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul**. 2009.

Disponível em: <http://www.cienciadoskate.com/paper/0272.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2013.

GARCIA, L. C. P.; ARAGÃO, P.; MEZZAROBBA, C. **As “tribos” da orla: investigando os grupos sociais nos momentos de lazer**. LaboMídia. 2012. Disponível em: <http://www.labomidia.ufsc.br>. Acesso em: 05 dez. 2015.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

LE BRETON, D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

MAGNANI, J. G. C. Introdução: circuitos de jovens. In: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (Org.). **Jovens na metrópole – etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PAIS, J. M. Lazeres e sociabilidade juvenis: um ensaio de análise etnográfica. **Análise social**, Lisboa, v. 25 (p. 108-109), (4º e 5º) p. 591-644, 1990.

PARKER, H; ALDRIDGE, J; MEASHAM, F. **Illegal Leisure: The Normalisation of Adolescent Recreational Drug Use**. London: Routledge, 1998.

RIBEIRO, M; LARANJEIRA, R. **O Tratamento do Usuário de Crack**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. 135f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROMERA, L. A.; MARCELLINO, N. C. Lazer e uso de drogas: a partir do olhar sociológico. **Impulso**, Piracicaba: UNIMEP, v. 20, n. 49, p. 75-84, jan./jun. 2010.

TASCHNER, G. B. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo: FGV, v. 40, n. 4, p. 38-47, out./dez. 2000.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

#### **Endereço dos Autores:**

Heloisa Heringer Freitas

R. Jahira Santos Rodrigues, n 114, apt. 204 (bloco A) – Jardim da Penha,

Vitória – ES – 29.060-160

Endereço Eletrônico: [heloheringer@gmail.com](mailto:heloheringer@gmail.com)

Anna Carolina Martins Cassani  
R. Aristóbulo Barbosa Leão, nº 320, apt. 101 bloco C – Jardim da Penha  
Vitória – ES – 29.060-010,  
Endereço Eletrônico: carol\_cassani@hotmail.com

Gelsimar Jose Machado  
R. dos Evangélicos, nº 320, Ed. Nilo Gaiba, apto. 301 – Centro  
Santa Maria de Jetiba – ES – 29.645-000  
Endereço Eletrônico: geljm@hotmail.com

Liana Abrao Romera  
R. Espirito Santo, 60 apto 132 – Higienopolis  
Catanduva – SP – 15.804045  
Endereço Eletrônico: liromera@uol.com.br